

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

ROSÂNGELA PINHEIRO GARCIA

**O USO DE FERRAMENTAS DE TECNOLOGIA NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANTES E DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19**

**Jaguarão/Polo Esteio
2021**

ROSÂNGELA PINHEIRO GARCIA

**O USO DE FERRAMENTAS DE TECNOLOGIA NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANTES E DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado ao curso de Letras –
Português da Universidade Federal do
Pampa/Universidade Aberta do Brasil
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Letras –
Português.

Orientadora: Prof^a. Alessandra Goulart
Dávila

**Jaguarão/Polo Esteio
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

G216u Garcia, Rosângela Pinheiro
O USO DE FERRAMENTAS DE TECNOLOGIA NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANTES E DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19 / Rosângela Pinheiro Garcia.
35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2021.
"Orientação: Alessandra Goulart Dávila".

1. aprendizado. 2. tecnologias digitais. 3. pandemia. I.
Título.

ROSÂNGELA PINHEIRO GARCIA

**O USO DE FERRAMENTAS DE TECNOLOGIA NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANTES E DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Letras Português/ UAB da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho defendido e aprovado em: 6 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

Prof^ª. Ma. Alessandra Goulart Dávila
Orientadora
(Unipampa/UAB)

Prof^ª. Ma. Daniela Kercher
MPEL / Unipampa

Prof^ª. Ma. Carla Lima
(Unipampa/UAB)



Assinado eletronicamente por **Alessandra Goulart DAvila, Usuário Externo**, em 15/12/2021, às 10:01, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **DANIELA KERCHER DA SILVA, Usuário Externo**, em 15/12/2021, às 10:21, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Carla Alves Lima, Usuário Externo**, em 21/12/2021, às 10:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0690137** e o código CRC **0A159CDC**.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 O ensino da Língua Portuguesa.....	10
2.2 As ferramentas de tecnologia digital nas escolas.....	12
2.3 A contribuição das tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental.....	17
3 METODOLOGIA.....	21
4 RESULTADOS.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS.....	33

O USO DE FERRAMENTAS DE TECNOLOGIA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Rosângela Pinheiro Garcia¹

RESUMO: O presente trabalho aborda a importância do uso de ferramentas digitais nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, e busca discutir sua utilização por parte dos professores antes e durante a Pandemia de Covid-19. Embasado em autores como Simone Aranha (2011 e 2018), Evanildo Bechara (2006) e Vani Kenski (2012), entre outros, apresenta-se discussões acerca das percepções dos docentes quanto aos benefícios ou não da tecnologia como recurso pedagógico. Entende-se, a partir da análise de contexto sobre a inserção tecnológica nas aulas de Língua Portuguesa, que esta se faz necessária para que o aluno se sinta convidado a ser protagonista de seu próprio conhecimento, trazendo para a escola um pouco do seu dia a dia, baseado em atualidades e suas referências digitais. Tal contribuição, no entanto, é pautada nesta pesquisa, que faz uma revisão bibliográfica sobre o tema e pontua, também, a necessidade de um olhar mais apurado para os educadores, como forma de ampliar a oferta de estímulos para que se sintam receptivos à proposta de inclusão digital nas aulas de Língua Portuguesa. O trabalho apresenta também um estudo de caso, com abordagem quali-quantitativa, buscando apontar a relação entre as atividades pedagógicas dos professores do 9º ano e o uso de tecnologias digitais como recurso pedagógico. O estudo concluiu que ampliar o acesso tecnológico dos profissionais de Língua Portuguesa do 9º ano e dos estudantes ao conhecimento digital, bem como a criação de políticas públicas direcionadas à ampliação tecnológica das escolas pode cooperar para que haja integração real do mundo digital dentro da educação escolar.

Palavras-chave: Aprendizado, tecnologias digitais, pandemia

ABSTRACT: The present paper is about the value of using digital tools in Portuguese Language classes of the 9th grade of the elementary school, and seeks to discuss its use by a portion of the teachers before and after the Covid-19 pandemic. Based on authors such as Simone Aranha (2011 and 2018), Evanildo Bechara (2006), and Vani Kenski (2012), among others, it presents discussions about the teachers' perceptions of the benefits of the technology as a pedagogical resource. It is understood that, from the analysis of the context about the technological insertion in Portuguese language classes, that it is necessary so the student feels invited to be the main character of its knowledge, bringing a little of its day-to-day to school, based on News and its digital references. Such contribution, nonetheless, it's based on this research, that makes a bibliographic review about the theme and points out the need for a more accurate view of the educators, as a way

¹Acadêmico do curso de Letras – Português, da Universidade Federal do Pampa/Universidade Aberta do Brasil, Polo Esteio. Email institucional: rosangelagarcia.aluno@unipampa.edu.br

of expanding the offer of incentive so they feel open to the proposition of digital inclusion in Portuguese language classes. The paper also presents a case study, with a quantitative approach, pursuing to point out the relation between pedagogical activities of the 9th grade teachers and the use of digital technologies as a pedagogical resource. The study concluded that expanding the 9th grade Portuguese language teachers' access to technology and the students' access to digital knowledge, such as the creation of public politics directed to the technological expansion of schools can help so there is a real integration of the digital world inside the academic education.

Key words: learnig, digital technologies, pandemic

1 INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais trouxeram, ao longo dos anos, uma revolução extraordinária em diferentes setores, desde o surgimento dos primeiros computadores, na Segunda Guerra Mundial, até os dias atuais. Na educação não poderia ser diferente. Sabe-se que a invasão tecnológica não era novidade nas salas de aula, no entanto, seu uso vinha ocorrendo de forma tímida na maior parte das escolas, principalmente nas públicas, onde não só há limitação de equipamentos físicos como também dificuldade de oferta e acesso à internet em muitas instituições educacionais brasileiras. A exigência pelo uso, entretanto, tornou-se maior desde março de 2020, cerca de 48 milhões de estudantes deixaram de frequentar as atividades presenciais nas mais de 180 mil escolas de ensino básico espalhadas pelo Brasil como forma de prevenção à propagação do coronavírus, dados de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A doença, que se tornou uma pandemia, fez com que milhões de estudantes, educadores e educadoras tivessem que rapidamente se adaptar, não somente a um novo estilo de vida frente à necessidade do afastamento social, mas também a ensinar (e aprender) dentro de um novo modelo de educação mediada por tecnologia. A enorme diversidade de realidades educacionais, sociais e econômicas já é, por si só, um grande desafio e a pandemia trouxe um cenário ainda mais desafiador. Todavia com o fechamento das escolas públicas e privadas em todo o mundo, alterando a rotina de profissionais da

educação e alunos, que passaram a ter uma rotina de ensino remoto. A internet passou, então, a ser uma ferramenta primordial para o atendimento aos estudantes, e os professores precisaram adequar suas metodologias de ensino, buscando novos formatos e subsídios para aperfeiçoar seu trabalho. Cabe aqui ressaltar que nenhuma organização estava preparada para lidar com as consequências naturais impostas pelo distanciamento e isolamento social e a maioria das escolas não conta com o suporte necessário para o oferecimento do ensino remoto ou a distância. Preparar uma aula remota é bem diferente da prática presencial de sala de aula - a dinâmica de interação, as formas de comunicação e o conhecimento das tecnologias educacionais são imprescindíveis nesta questão.

A Língua Portuguesa é uma das disciplinas que faz parte do currículo e é de grande relevância quanto ao ensino-aprendizagem, porém não apenas o conteúdo ministrado é importante, mas também a forma como está sendo apresentado para os alunos através das ferramentas digitais. O 9º ano é aquele que finaliza a etapa do ensino fundamental e que aponta os horizontes da nova fase: o ensino médio. Sendo assim, compreende-se que deve entrelaçar os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e revelar as possibilidades de ganhos para o futuro. O uso das tecnologias deve, assim, fazer parte do trabalho docente, muito mais que recurso tecnológico, mas sim como estratégia pedagógica, buscando tornar as aulas mais atrativas e eficazes, contribuindo para um avanço que contemple as necessidades e curiosidades dos educandos. Neste cenário de interação entre os campos de conhecimento e as tecnologias digitais, há a expectativa de troca de experiências do que os alunos já dominam e o que o professor ainda pode explorar, propondo reflexões acerca de diferentes temas e ampliando a aprendizagem.

O presente trabalho busca analisar o uso das tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa, fazendo uma reflexão sobre as contribuições deste uso durante a pandemia de COVID-19 e, comparando com a forma como estas eram utilizadas antes da imposição do ensino a distância no Ensino Básico a partir do ano de 2020. No entanto, a internet é apenas o fio condutor da nova modalidade de ensino e que incentiva os educadores a se pautar para as aulas interativas sem a presença física nas escolas.

Assim sendo, busca-se responder ao seguinte problema norteador: o distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19 alterou a percepção dos educadores de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental quanto ao uso das tecnologias digitais como recurso pedagógico em suas aulas?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ensino da Língua Portuguesa

O ensino da Língua Portuguesa nas escolas é fundamental e faz parte do processo de aprendizagem desde os primeiros momentos da vida escolar. Conforme Cintra e Passarelli (2012, p. 40), “a língua e a linguagem são elementos essenciais para a vida em sociedade, uma vez que são elas que possibilitam a comunicação eficiente”. Desta forma, entende-se que a oralidade e a escrita devem se fazer presentes para que tenhamos uma vida social ativa. No entanto, compreender a língua oral e escrita não quer dizer ter a gramática decorada de início ao fim, mas sim, “sermos usuários linguisticamente competentes”, (CINTRA e PASSARELLI, 2012,p.40).

Cada falante é um poliglota na sua própria língua à medida que dispõe da sua modalidade linguística e está à altura de decodificar mais algumas outras modalidades linguísticas com as quais entra em contato, quer aquelas utilizadas pelas pessoas culturalmente inferiores a ele, como aquelas a serviço das pessoas culturalmente superiores a ele. (BECHARA, 2006, p. 14)

O artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) aponta de forma clara que um dos maiores objetivos da disciplina de Língua Portuguesa é proporcionar ao aluno o acesso ao domínio da língua culta.

Art. 32 - O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. (LDBEN nº9394/96)

Assim sendo, embora a leitura e a escrita façam parte do processo de ensino-aprendizagem, cabe destacar que na disciplina de Língua Portuguesa elas estão inteiramente ligadas ao conhecimento que o aluno já traz consigo sobre a linguagem. Ao professor, então, compete a tarefa de aliar tais conhecimentos ao processo de compreensão da linguagem culta, sem desfazer do estilo adquirido ao longo da vida. Neste entendimento, Cintra e Passarelli (2012,p.41) enfatizam que: “É consensual que, para uma comunicação eficiente, é imprescindível dominar algumas habilidades como a leitura, a escrita, a fala e a escuta. O problema reside na crença de que para ler, escrever, falar e escutar basta saber gramática”.

Das várias personagens envolvidas no processo de ensino-aprendizagem de português - pesquisadores, escritores, professores, alunos - talvez sejam os professores os mais resistentes ao fim da supremacia da gramática, talvez pelo conforto de ensinar regras prontas, por comodismo ou ainda por uma formação pouco crítica que não contribuiu para que se quebrassem paradigmas, mas, antes, serviu para reforçar antigos modelos de ensino-aprendizagem com aulas cansativas, cadernos repletos de exercícios repetitivos e redações nas quais ninguém dizia nada a ninguém” (CINTRA e PASSARELLI, 2012,p.26).

Muito mais que apenas ensinar a utilizar a gramática e escrever textos sem sentido, as aulas de Língua Portuguesa devem desenvolver habilidades como o senso crítico e a capacidade de compreensão do que se lê e o que se escreve. Como bem afirmam Cintra e Passarelli:

O objetivo da escola, no que se refere à língua e à linguagem é, ou deveria ser, formar cidadãos capazes de se expressar, oralmente e por escrito, de maneira adequada e competente, a fim de que possam se inserir e atuar na sociedade em que vivem” (CINTRA e PASSARELLI, 2012,p. 40).

As autoras recentemente citadas contribuem ainda afirmando que “não se pode fazer texto algum sem gramática. Mas, faz sentido também a certeza de que não se faz texto algum apenas com a gramática”.

Durante muito tempo o ensino da língua foi vinculado à alfabetização, pela prática apenas da leitura e da escrita, conforme aponta Pereira (2005). Segundo a autora, por um longo período foi muito forte a concepção de linguagem como um sistema de signos e um conjunto de regras a serem seguidas pela comunidade linguística, com ênfase no ensino da gramática. Até meados do século XIX, “Como a

norma culta já era de domínio de parcela da população que prosseguia seus estudos além do nível elementar, os programas escolares constituíam-se com um mínimo de carga horária da disciplina de Língua Portuguesa” (PEREIRA, 2005, p.29). Por volta de 1970, conforme Pereira (2005), a língua passa a ser vista não somente como um sistema de regras a serem adquiridas, mas sim um sistema em que os falantes precisam demonstrar domínio para transmitir mensagens com eficácia.

A partir de 1971, com a Lei Federal nº5692/71, a educação brasileira e o ensino de língua portuguesa passaram por grandes transformações motivados pelo contexto político da ditadura militar, que definitivamente engajara o país ao capital internacional e aos programas de “ajuda mútua” do tipo MEC-USAID e outros, a fim de se adequar ao chamado moderno capitalismo associado dependente, que, entre outras coisas, repaginava a administração geral, bem como a reforma do ensino de 1º e 2º graus (ARAUJO, 2002, p.5).

Analisando a trajetória do ensino da Língua Portuguesa nas escolas brasileiras, pode-se perceber a necessidade de que a disciplina deve ir além dos livros e dos exercícios repetitivos ou mesmo da produção textual de temas sem sentido. É necessário incluir a vida social dos alunos dentro do contexto da sala de aula, promovendo interações verdadeiras com as habilidades que eles utilizarão fora da escola.

2.2 As ferramentas de tecnologia digital nas escolas

A tecnologia já faz parte do cotidiano de milhares de pessoas há algumas décadas. Diariamente ela vem abrindo mais e mais espaço, alcançando novas descobertas e melhorando a vida das pessoas, facilitando acesso à informação, saúde e educação.

Segundo Costa e Silva (2013, p. 840), “a tecnologia está amplamente difundida entre os diversos domínios da existência humana (hábitos de alimentação, ritmos de vida, maneira de trabalhar, sistemas de saúde, processos pedagógicos, etc)”. Na escola não é diferente. Kenski (2012, p. 43) defende, inclusive, que “Educação e tecnologias são indissociáveis”. Conforme a autora, o processo educativo costuma se utilizar da maioria das tecnologias que, não seriam nem o objeto, nem a substância e nem a sua finalidade. “Elas estão presentes em todos os

momentos do processo pedagógico, desde o planejamento das disciplinas, a elaboração da proposta curricular até a certificação dos alunos que concluíram o curso” KENSKI (2012, p. 44).

Daí o entendimento de que o professor não é meramente um formador de opinião, um condutor de aprendizados. Há a necessidade de que o docente busque a interação entre suas aulas e a informatização dos saberes, adequando suas didáticas às necessidades e realidades dos alunos. Rodrigues (2011, p. 4) aponta que, “Ao utilizar os recursos da informática, deve-se levar em conta o contexto da realidade do sistema educacional”. Segundo o entendimento do autor recentemente citado, “nem todos os profissionais da educação têm como meta usar o computador por mais que a tecnologia proporcione sistemas que interajam de acordo com os níveis dos alunos”. No entanto, Kenski (2012, p. 44) reforça que “a presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino”.

A prática de se utilizar da tecnologia nas aulas, entretanto, não é nenhuma novidade. Por outro lado, o que se tem visto é que houve uma necessidade de que este uso se aprofundasse numa velocidade maior do que se imaginava em um curto período de tempo. Até os primeiros meses de 2020, falar em educação a distância, por exemplo, remetia-nos aos cursos de aceleração de educação, preparatórios, técnicos ou graduação e afins. No entanto, a pandemia mundial de Covid-19 fez com que escolas no mundo todo precisassem fechar as portas para evitar a disseminação da doença. Para dar continuidade às aulas em todos os níveis de ensino, as escolas passaram a oferecer a modalidade a distância e os professores, por sua vez, precisaram adaptar o modelo presencial, adotando plataformas eletrônicas de todas as formas. Reforça-se aqui o que defende Rodrigues (2011), ao dizer que nem todos os profissionais da educação estão (ou estavam) preparados para interagir com a tecnologia.

Segundo o autor:

Muitos destes professores acabam por utilizar-se dos meios oferecidos pela informática para aperfeiçoar os métodos já estabelecidos de exercício e prática, e assim faz uso dos seus recursos puramente como um facilitador

das atividades pedagógicas, e não a fim de promover a construção do conhecimento (RODRIGUES, 2011, p.4).

A tecnologia, desta forma, serve apenas como ferramenta para fazer com que o antigo modelo presencial de dar aulas tenha continuidade sem nenhuma novidade, apenas saindo dos bancos escolares e chegando nas casas dos alunos. Neste entendimento Costa e Silva (2013, p. 840) enfatizam novamente a importância de a tecnologia ampliar sua influência na vida das pessoas, afirmando que “é normal que se coloque a questão sobre o seu sentido, surgindo a necessidade de um esforço de discernimento e compreensão teórico-crítica”. Chagas (2010) corrobora com o pensamento.

De nada adianta novas ferramentas, se o trabalho feito com elas não mudar. Antes de mais nada, o que precisa ser mudado é a abordagem, o objetivo, o modo como são desempenhadas as atividades, para então tirar-se o máximo de proveito das novas tecnologias para as novas formas de se produzir conhecimento (CHAGAS, 2010, p.4).

O pensamento é confirmado por Aranha (2011, p. 697), que declara que “não basta mudar os recursos tecnológicos utilizados na escola, pois, mais do que inovar as ferramentas, o que faz a diferença é o modo de agir do profissional da área da educação”.

Assim, percebe-se a necessidade de ampliar o uso das ferramentas de tecnologia, dando a elas a sua devida importância no contexto educacional. Kenski (2012) explica que muitas das tecnologias comunicativas mais utilizadas em educação não provocam ainda alterações radicais na estrutura dos cursos. Segundo a autora, a forma como são utilizadas não geram mudanças na articulação entre conteúdos e não mudam as maneiras como os professores trabalham didaticamente com seus alunos. Conforme Kenski (2012, p.45), “encaradas como recursos didáticos, elas ainda estão muito longe de serem usadas em todas as suas possibilidades para uma melhor educação”.

Palfrey e Gasser (2011) afirmam que:

Para as escolas se adaptarem aos hábitos dos nativos digitais e à maneira como eles estão processando informações, os educadores precisam aceitar que a maneira de aprender está mudando rapidamente. Antes de responder as perguntas sobre com que precisarão usar as tecnologias nas escolas, é

importante entender as mudanças. Para isso, é necessário expandir a estrutura para toda a aprendizagem, não apenas para o tipo que acontece na sala de aula (PALFREY E GASSER, 2011, p. 268-269).

Aranha (2011) menciona que:

O que ocorre, no entanto, em sala de aula é que apesar da existência desse novo suporte digital (a tela do computador), o principal ambiente de aprendizagem continua anacrônico. Grande parte das práticas pedagógicas atuais ainda privilegia um ensino centrado apenas na transmissão/recepção de conhecimento, com ênfase na aprendizagem mediada pelo professor, na fragmentação de conteúdos em disciplinas estanques, sem considerar uma real articulação com as instâncias discursivos-culturais, e com espaços sociais por onde transitam os alunos para quem as práticas didático-pedagógicas são direcionadas (ARANHA, 2011, p. 697).

No entanto, é sabido que nem todas as escolas dispõem de recursos tecnológicos em condições adequadas para seus alunos ou mesmo para o corpo docente. Desta forma, é importante salientar que a crise sanitária de Covid-19 e a reclusão de alunos e profissionais da educação também trouxeram à tona a problemática de acessibilidade tecnológica da educação brasileira. Se, por um lado, entende-se a necessidade de que a escola perceba a importância da integração do conhecimento formal com o aparato tecnológico, por outro, depara-se, muitas vezes, com a impossibilidade financeira de fazer essa integração virar uma realidade. E isso ocorre dentro e fora do ambiente escolar, uma vez que a pandemia também aumentou as dificuldades financeiras de muitas famílias brasileiras.

Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED, 2020) sobre as atividades remotas na educação durante a pandemia mostra que a adaptação dos estudantes ao novo formato de ensino não foi fácil. O levantamento aponta que 67% dos estudantes se queixavam de dificuldades em estabelecer e organizar uma rotina diária de estudos. Os dados mostram ainda outro ponto alarmante em relação ao ensino remoto e que escancara o abismo social entre os estudantes e o que se imagina como ideal para a educação com o uso de plataformas digitais: o acesso precário à internet.

Ainda no que se refere às atividades remotas, 29,2% dos estudantes entrevistados disseram ter dificuldade em conexão com a internet, por causa do sinal das operadoras. Para 10,8% deles, não ter dispositivo próprio e precisar compartilhá-lo com outros integrantes da casa afeta o estudo e a aprendizagem durante o período de pandemia. Já em relação ao

acesso à internet, 63,5% responderam ter banda larga ilimitada e 25,8% utilizam de terceiros (ABED, 2020, p.11).

Percebe-se em outra questão da pesquisa realizada pela ABED que, se 74,79% dos estudantes afirmaram ter um dispositivo de uso pessoal e individual para suas atividades escolares, por outro lado, 24,10% precisaram utilizar aparelhos eletrônicos compartilhados por outras pessoas da família e, 1,11% não usaram nenhum tipo de dispositivo eletrônico. Este levantamento faz analisar que se em casa já há tal dificuldade com quase 30% dos estudantes, nas salas de aula não seria diferente e, muitos dos discentes chegariam às escolas sem um dispositivo pessoal para acessar as tarefas ofertadas pelos professores em uma aula tecnológica.

A situação dos profissionais da educação em relação ao uso de tecnologias no trabalho também foi mencionada na pesquisa da ABED e, da mesma forma que com os estudantes, também evidenciou dificuldades.

Dos professores que realizaram atividades remotas, 57,83% relataram ter dificuldades em conexão com a internet por causa do sinal das operadoras, 32,34% disseram ter dificuldade em conexão por causa do limite de dados e, 39,39% apontaram a falta de familiaridade com as ferramentas digitais (ABEB, 2020, p.25).

Assim sendo, muito além de se fazer uma aula integrativa entre conhecimentos formais e recursos tecnológicos, se faz necessário oportunizar o acesso ao ambiente virtual por todos. Conforme Barcelos (2013), se faz necessária a valorização das relações e interações nos estudos e culturas, focadas na diversidade e no respeito ao outro, cada vez mais pelo viés da inclusão digital e a possibilidade de mesclar o presencial e o ensino a distância.

2.3 A contribuição das tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental

As alterações do formato das aulas presenciais para ensino remoto fizeram com que muitos educadores também passassem a perceber as diferentes

possibilidades de uso das ferramentas de tecnologia na educação. O aprendizado dos docentes neste âmbito foi, principalmente, no sentido de compreender o que mais atrai os olhares e interesses dos educandos. Silva e Pessanha (2012) reforçam que o aparato tecnológico disponível abre um leque de possibilidades para as aulas, principalmente de Língua Portuguesa, onde os educadores precisam aprender a lidar com os novos fenômenos linguísticos que vêm da internet e, também, com outras inovações que surgem a todo instante na nossa sociedade. “Tão importante quanto, é saber lidar com os novos gêneros digitais no ambiente escolar de modo a fazer com que os alunos percebam a pluralidade de gêneros textuais e a necessidade de utilizarem adequadamente cada um deles”, (SILVA; PESSANHA, 2012, p. 8). Esse olhar didático exige um direcionamento para que as tecnologias priorizem o aprendizado do aluno, pois conforme Kenski (2012, p. 45), “a escolha de determinado tipo de tecnologia altera profundamente a natureza do processo educacional e a comunicação entre os participantes”.

De acordo com as habilidades específicas recomendadas pela Base Nacional Comum Curricular para o ensino da Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino fundamental, estão:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc (BNCC).

E, nas habilidades gerais para o 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, a mesma BNCC aponta ainda:

(EF89LP01) Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os efeitos das novas tecnologias no campo e as condições que fazem da informação uma mercadoria, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos.

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos. (BNCC)

O documento norteador reforça o que já se sabe há algum tempo e que se faz evidente, no entendimento de Dias, Dias e Ferreira (2017, p. 16), que “as tecnologias ampliem as possibilidades de aula para o professor, auxiliando na produção e construção do conhecimento de seus alunos, renovando sua mediação de conteúdo apresentado por meio dessa nova metodologia educacional (...)”. Assim sendo, pondera-se novamente o que Oliveira e Moura (2012, p. 76) defendem ao afirmar que “A utilização de recursos tecnológicos no processo de ensino, é cada vez mais necessária, pois torna a aula mais atrativa, proporcionando aos alunos uma forma diferenciada de ensino”. Ou seja, o uso destas tecnologias de maneira efetiva e dinâmica é de suma importância “para que isso se concretize de maneira que todos os envolvidos sintam-se beneficiados por essas tecnologias, como por exemplo, a internet, que traz uma diversidade de informações, mídias e softwares, que auxiliam nessa aprendizagem” (OLIVEIRA; MOURA, 2012, p.76).

Tudo isso não é novidade alguma. E já era apontado em outros documentos norteadores em 1998, onde as tecnologias da informação e a Língua Portuguesa aparecem na página 89 dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do que chamavam de 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental - compreendidos pelas 5ª e 6ª e 7ª e 8ª séries, respectivamente. O documento determinava que o uso das tecnologias em sala de aula não deveria servir apenas como recurso.

Não se trata, porém, de tomar os meios como eventuais recursos didáticos para o trabalho pedagógico, mas de considerar as práticas sociais nas quais estejam inseridos para: conhecer a linguagem videotecnológica própria desse meio; analisar criticamente os conteúdos das mensagens, identificando valores e conotações que veiculam; fortalecer a capacidade crítica dos receptores, avaliando as mensagens; produzir mensagens próprias, interagindo com os meios (BRASIL, 1998, p.32).

Além disso, os PCNs apontavam a importância do uso do computador, cd, multimídia e hipertexto, rádio e televisão nas aulas de Língua Portuguesa.

Dias, Dias e Ferreira (2017) defendem que “a era digital traz consigo uma gama de ferramentas que podem ser trabalhadas pelo professor de Língua Portuguesa e das demais áreas, como por exemplo, os gêneros textuais”. No

entendimento dos autores, os gêneros textuais, na maioria dos casos, possuem linguajar próprio, o que faz com que possam ser estudados e explorados em diversas aulas da disciplina. Os autores, recentemente citados, reforçam que os gêneros textuais podem ser usados “como suporte para o uso correto da língua padrão, moldando não só a maneira de falar e escrever dos alunos, como também seus vícios em relação a essa nova realidade” (Dias, Dias e Ferreira, 2017, p. 13).

O uso dos gêneros digitais na sala de aula proporciona ao aluno uma interação com tudo aquilo que já faz parte de suas vivências. Dessa forma, a escola deve aproveitar essa competência comunicativa dos adolescentes, que sabe utilizar de maneira satisfatória os gêneros digitais, para transformá-los em bons produtores de gêneros textuais, valorizados na sala de aula e no mundo real (SOARES, 2012, p. 13).

Assim, percebe-se a dimensão do que afirmam Dias, Dias e Ferreira (2017, p. 15) quando afirmam que “o professor de Língua Portuguesa deve estar apto às novas mudanças implantadas nas escolas, servindo de estímulo aos seus alunos, diversificando as aulas, inovando e, principalmente, mediando um saber diferenciado”. É inegável que o uso das tecnologias na sala de aula de Língua Portuguesa leva o aluno a um estímulo a mais para aprender. Elas despertam o gosto pela escrita e pela leitura e a curiosidade por outros conteúdos que podem ser ali abordados. “Nesse contexto, pode-se perceber o quão necessários são os métodos inovadores para o bom rendimento das aulas adequando as múltiplas linguagens às tecnologias presentes na atualidade” (DIAS, DIAS e FERREIRA, 2017, p. 17).

Entende-se, portanto, a percepção do docente que vê no uso do celular, por exemplo, não mais um inimigo que interfere nas suas aulas, mas um aliado ao aprendizado e à troca de conhecimentos. “O uso didático do celular é uma alternativa pedagógica a ser considerada, de modo a buscar a união da facilidade que os discentes possuem no trato com essa mídia e toda riqueza de gêneros que as redes sociais possuem, por exemplo” (ARANHA e SOUZA, 2018, p. 29).

Neste novo modelo de sala de aula, que integra o mundo real com o virtual, não cabe mais o preconceito tecnológico do início do século 21. Aranha e Souza (2018, p. 14) enfatizam que “[...] as tecnologias digitais estão definitivamente

integradas em nossas vidas e ninguém mais tem dúvidas da necessidade de sua integração em nossas práticas pedagógicas”. Isso faz com que o professor tenha que rever urgentemente seus conceitos em relação ao uso das tecnologias digitais.

[...] muitos são os motivos para usarmos as tecnologias digitais em sala de aula e o principal deles é o fato de fazerem parte de nossa vida cotidiana, pois os computadores, tabletes e celulares conectados à internet se tornaram uma extensão de nós mesmos. A sala de aula não pode ignorar esses novos hábitos mediados pela internet (ARANHA e SOUZA, 2018, p. 14)

Ainda:

Ter a internet como aliada no processo ensino-aprendizagem em muito pode colaborar com o amadurecimento crítico dos alunos, pois sabemos que essas redes divulgam um grande número de gêneros e de informações, e o nosso público ainda não tem preparo o suficiente para se posicionar criticamente ante ao que é amplamente difundido nesses espaços (ARANHA E SOUZA, 2018, p 29).

Sabendo-se que o 9º ano do Ensino Fundamental é a ponte para o futuro de muitos alunos - muitos encerram neste ano a vida escolar para dar início à profissional e auxiliar no sustento da casa, outros seguem em direção ao Ensino Médio - faz-se necessário compreender que as tecnologias digitais, tão presentes no dia a dia dos discentes, deve transpor a barreira imposta por muitas escolas. Cabe ao educador a tarefa de inserir tais plataformas como aliadas nas atividades escolares.

Atualmente, o que temos visto é uma visão de vilania do celular por parte dos professores, mais precisamente no que diz respeito à conexão com a internet, em relação à sala de aula. Isso é compreensível, pois os recursos de mídia são muito mais atrativos para os alunos, que passam a ver, cada vez mais, as aulas tradicionais como desinteressantes e enfadonhas, o que acarreta um conflito entre os professores e seu alunado, principalmente, o adolescente (ARANHA E SOUZA, 2018, p. 30).

Perceber a influência da BNCC em relação às tecnologias digitais e sua contribuição ao 9º ano do Ensino Fundamental é compreender que “a tecnologia deve ser uma aliada da leitura e da escrita para que transformações possam ser alcançadas” (Aranha e Souza, 2018, p.30). Conforme Aranha e Souza (2018), trabalhar com os diversos gêneros deve estar ligado à intertextualidade e, também, ao uso da tecnologia da informação e da comunicação. Desta forma, é possível que o professor, com interesse em atribuir às aulas de português uma imagem mais

envolvente e moderna, propor atividades capazes de colaborar com esse objetivo. Para tal, conforme Aranha e Souza (2018), é preciso fazer uso de gêneros textuais tradicionais e a partir deles recriar textos com aspectos de novos gêneros, constituídos, é claro, em ambientes digitais.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca apresentar um estudo de caso com abordagem quali-quantitativa, desenvolvida com profissionais da educação atuantes nas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Língua Portuguesa. Como forma de seguir critérios éticos para o desenvolvimento de pesquisa e de coleta de dados, optou-se pela não identificação dos entrevistados. O que corrobora com o que Fachin (2003, p. 162) defende ao afirmar que “o anonimato contribui para que o pesquisado se sinta mais seguro e, conseqüentemente, favorece respostas mais verdadeiras”.

No entanto, como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico. “Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e a análise” (PRODANOV E FREITAS, 2013, p.60). Conforme Fachin (2003, p. 68), “a pesquisa bibliográfica é, por excelência, uma fonte inesgotável de informações, pois auxilia na atividade intelectual e contribui para o conhecimento cultural em todas as formas do saber”.

Já o estudo de caso, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.60), “consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa”. Fachin (2003, p. 78) explica que “a variável quantitativa é determinada em relação aos dados ou à proporção numérica, mas a atribuição numérica não deve ser feita ao acaso, porque a variação de uma propriedade não é quantificada cientificamente”. O mesmo autor (2003, p. 81) explica ainda que “a variável qualitativa é caracterizada pelos seus atributos e relaciona aspectos não somente mensuráveis, mas também definidos descritivamente”.

Por ser relativamente acessível, o questionário é considerado vantajoso em comparação a outros instrumentos de coleta de informações, conforme Fachin (2003). Desta forma, o instrumento para esta pesquisa foi elaborado na plataforma Google Forms, de criação de formulários, e distribuído para 23 professores de Ensino Fundamental, atuantes como docentes de Língua Portuguesa nas turmas de 9º ano de 18 cidades do Rio Grande do Sul. Os questionários foram enviados por meios digitais, utilizando-se e-mail e aplicativos de mensagem de celular. O retorno das pesquisas se deu de forma automática, uma vez que a plataforma utilizada envia as respostas para o pesquisador assim que o entrevistado finaliza. Dos entrevistados, quinze concluíram a pesquisa, retornando o questionário preenchido.

A pesquisa foi estruturada em um questionário contendo 23 perguntas, sendo 14 de múltipla escolha e nove dissertativas. Após reunir todas as respostas dos entrevistados, foi feita uma análise pergunta a pergunta e anotou-se os resultados, passando logo a seguir à tabulação em formato de tabelas. A análise dos resultados será descrita na seção seguinte.

4 RESULTADOS

A primeira parte do questionário compreende o perfil dos entrevistados. As duas primeiras perguntas abordam o sexo e a idade. Pode-se observar que 12 professores são do sexo feminino, totalizando 80%, e os demais 3 profissionais pesquisados, do sexo masculino (20%).

Em relação à idade, o público, em sua maioria, 60% ficou compreendido em sujeitos com mais de 45 anos. O restante dividiu-se entre 36 a 45 anos (20%) e 26 a 35 anos de idade (20%).

Percebe-se que a maioria dos professores apresenta formação completa em Letras (60%), e um número expressivo tem ensino superior completo (20%) ou incompleto (20%) em outro curso superior.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Descrição dos sujeitos da pesquisa

Amostra N = 15		
	Frequência	%
Gênero		
Feminino	12	80
Masculino	3	20
Idade		
18 a 25 anos	0	0
26 a 35 anos	3	20
36 a 45 anos	3	20
Mais de 45 anos	9	60
Escolaridade		
Ensino Médio	0	0
Ensino Sup. inc. em Letras	0	0
Ensino Sup. Inc. Outro	3	20
Curso		
Ensino Sup. Compl. Letras	9	60
Ensino Sup. Compl. Outro	3	20
Curso		

Fonte: elaboração própria (2021)

O tempo de atuação do profissional foi abordado em três diferentes questões - regência de sala, tempo como professor de Língua Portuguesa e, tempo como professor de 9º ano. A primeira delas, em relação ao tempo de sala de aula, está na pergunta 4, que abre também a etapa referente à percepção dos sujeitos em relação ao trabalho desenvolvido na escola. Observa-se, assim, no quadro 2 que 80% dos sujeitos da pesquisa atuam como regentes de sala entre seis e 10 anos. Sendo que, 20% dos entrevistados estão há mais de 10 anos em atividade escolar.

Quadro 2 - Trabalho em sala de aula

Tempo de atuação em sala de aula		
	Frequência	%
Menos de 1 ano	0	0
1 a 5 anos	0	0
6 a 10 anos	12	80
Mais de 10 anos	3	20

Fonte: elaboração própria (2021)

A atuação como professor de Língua Portuguesa está apresentada na questão de número 5, onde 40% dos entrevistados responderam estar há menos

de um ano. Seguidos de outros 40% em atuação há menos de 10 anos e 20%, há mais de uma década.

Em relação ao tempo como professor de Língua Portuguesa de 9º ano, 40% atua há menos de um ano e outros 40% estão nesta etapa do ensino entre um e cinco anos. Apenas 20% dos profissionais apontaram estar presente há mais de 10 anos. Aqui é importante ressaltar que este percentual de profissionais mencionou atuar em Língua Portuguesa desde o período em que o 9º ano ainda não havia sido implantado. Portanto, parte do tempo computado como 9º ano refere-se ao ensino de Língua Portuguesa na antiga 8ª série, conforme dados apontados no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Regência de Língua Portuguesa no 9º ano

Tempo de atuação como professor de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental		
	Frequência	%
Menos de 1 ano	6	40
1 a 5 anos	6	40
6 a 10 anos	0	0
Mais de 10 anos	3	20

Fonte: elaboração própria (2021)

A pergunta 7 aponta os profissionais que atuam em ensino público ou privado. Nesta, percebe-se que 60% leciona em escolas municipais, 20% em estaduais e 20% em ensino privado.

A terceira etapa da pesquisa traz dados sobre o uso ou não de ferramentas digitais em sala de aula. Nesta, a questão de número 8 pergunta a relevância do uso destas ferramentas (Quadro 4). A maioria respondeu ser indispensável o uso (60%) e, 40%, acreditam ser relevante. Importante destacar aqui que, comparando-se as respostas daqueles que dizem ser indispensável o uso das tecnologias digitais, 100% deles estão em atuação em sala de aula há, no máximo, 10 anos. Enquanto os que consideram apenas relevante, atuam como docentes há mais de uma década.

Quadro 4 - Relevância do uso de tecnologia em sala de aula

O uso de ferramentas digitais em sala de aula é...		
	Frequência	%
Dispensável	0	0
Relevante	6	40
Indispensável	9	60

Fonte: elaboração própria (2021)

Ao responder quais recursos não podem faltar nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano, os professores pesquisados sugeriram, espontaneamente, livros, livros de literatura, computadores, jornais, internet, música e áudios do Youtube.

Na pergunta seguinte, onde era questionado se costumava utilizar ferramentas digitais nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano antes da Pandemia de Covid 19, apenas 20% afirmaram fazer com frequência, enquanto 60% disseram usar às vezes e, 20%, raramente. No entanto, quando a pesquisa sugere que descreva quais ferramentas digitais o profissional utilizava, as respostas foram: projetor, câmera, computadores e vídeos online, conforme quadro a seguir.

Quadro 5 - Uso de tecnologia em sala de aula antes da
Pandemia de Covid 19

Você costumava utilizar ferramentas digitais nas suas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano antes da Pandemia de Covid-19?			Se você utilizava, descreva quais delas:
	Frequência	%	
Não	0	0	Projetor, câmera
às vezes	9	60	
Raramente	3	20	Computadores, vídeos online
Frequentemente	3	20	

Fonte: elaboração própria (2021)

O uso de aparelhos celulares em sala de aula antes da Pandemia de Covid-19 também foi questionado na pesquisa. O assunto foi quase unânime entre os profissionais pesquisados, pois 60% disseram permitir o uso somente em alguns momentos e 40% responderam com um enfático não. Nenhum professor disse

permitir seu uso para o desenvolvimento de propostas pedagógicas, conforme o quadro a seguir.

Quadro 6 - Uso de celular em sala de aula

Você permitia o uso de celulares pelos alunos nas suas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano antes da Pandemia de Covid-19?		
	Frequência	%
Não	6	40
Somente em alguns momentos	9	60
Sempre, para uso pessoal	0	0
Sempre, para uso pessoal e para desenvolvimento de propostas pedagógicas	0	0

Fonte: elaboração própria (2021)

É sabido que as atividades escolares durante o ano de 2020 sofreram alterações devido à Pandemia de Covid-19 e que as escolas e professores precisaram se adaptar para ministrar suas aulas. Na pergunta de número 13 da presente pesquisa, foi questionado de que forma se deram as aulas de Língua Portuguesa do 9º ano. O modelo híbrido, com atividades online e presenciais teve 40% das respostas, assim como as aulas totalmente online (síncronas), 40%, e, apenas 20% dos profissionais da educação apontaram que fizeram somente envio de material impresso aos alunos no ano de 2020. Percebe-se que o modelo híbrido, assim como o envio de atividades impressas aparece apenas entre os docentes de ensino público, enquanto as aulas síncronas estão na totalidade das respostas dos professores de educação privada.

Quadro 7 - Modelo de aula durante o ano de 2020

De que forma se deram as suas aulas de L.P do 9º ano durante o ano letivo de 2020?		
	Frequência	%
Totalmente online (assíncronas)	0	0
Totalmente online (síncronas)	6	40
Apenas envio de material impresso	3	20
Híbrido (online e presencial)	3	20
Presencial	0	0

Fonte: elaboração própria (2021)

Quando questionados se houve mudanças na forma de ministrar as aulas no período letivo de 2020 em comparação aos anos anteriores, 80% apontaram que sim, enquanto 20% disseram que não. Aqueles que responderam positivamente, descreveram que entre as principais mudanças, estão “muito mais explicações e revisões, pois os alunos estão mais desatentos”, bem como afirmam que o uso de celular precisou ser permitido durante as aulas. Outros pesquisados apontaram que “o contato precisou ser virtual” e também que sentiram falta do contato presencial do aluno.

Também foi questionado quais os principais recursos digitais que os professores utilizaram nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano durante o ano de 2020. As respostas foram o uso de plataformas do Google, o computador, pesquisas na internet, aplicativo de mensagens de celular (whatsapp), Youtube e textos em PDF.

A pesquisa apontou ainda as dificuldades encontradas pelos profissionais da educação e a percepção destes em relação ao aprendizado dos alunos. As respostas descritivas tiveram semelhança entre si e, a falta de contato diário e presencial com os estudantes foi apontada por 20% dos discentes. Já o novo formato das aulas e o acesso de todos os alunos às atividades escolares, foram mencionados por outros 20%. A jornada dupla e até mesmo tripla foi apontada por 60% dos pesquisados. Sobre o aprendizado, também em respostas espontâneas, o acesso à internet foi apontado como fator principal por 60% dos pesquisados, outros 20% mencionaram a falta de interesse dos educandos, e os 20% restantes afirmaram como preponderante a distância entre os colegas.

Os profissionais que participaram da pesquisa descreveram ainda que precisaram aprender durante a pandemia de Covid-19. Dentre os conhecimentos adquiridos para ministrar aulas a distância no período, os docentes destacaram as plataformas digitais como o Zoom, o Google Meet e o Classroom. Alguns descreveram que necessitaram de aulas básicas para o uso do notebook e como lidar com a tecnologia. Apenas 20% dos entrevistados foram enfáticos ao afirmar que não precisaram adquirir novos conhecimentos para desenvolver suas atividades de docência no ano de 2020.

Ainda assim, com relação ao uso de recursos tecnológicos nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano, 80% dos entrevistados disseram acreditar que estes auxiliam apenas às vezes, enquanto somente 20% afirmaram que há sim contribuição para as aulas.

Quadro 8 - Contribuição das tecnologias nas aulas

O uso de recursos tecnológicos nas aulas de LP do 9º ano auxilia no aprendizado?		
	Frequência	%
Não	0	0
Sim	3	20
Às vezes	12	80

Fonte: elaboração própria (2021)

Sabendo-se que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê propostas envolvendo o uso de tecnologias digitais para os alunos do 9º ano, a pesquisa questionou se, antes da pandemia de Covid -19 era frequente ao professor seguir o documento norteador como base para desenvolver suas atividades. Dos entrevistados, conforme quadro a seguir, 80% responderam que faziam uso da BNCC às vezes, enquanto 20% responderam que não se baseavam no documento.

Quadro 9 - Uso da BNCC como documento norteador das práticas pedagógicas

A Base Nacional Comum Curricular prevê propostas envolvendo o uso de tecnologias digitais para os alunos de 9º ano. Antes da pandemia de Covid 19 você seguia o documento norteador neste quesito para desenvolver suas propostas de Língua Portuguesa?		
	Frequência	%
Não	3	20
Sim	0	0
Às vezes	12	80

Fonte: elaboração própria (2021)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo verificou a falta de credibilidade de grande parte dos profissionais de educação básica atuantes nas salas de aula de 9º ano como docentes de Língua Portuguesa no que se refere ao uso de tecnologias digitais para desenvolvimento das atividades escolares. Embora tenha se notado que a pandemia de Covid-19, que afastou estudantes e professores das escolas de forma presencial, trouxe a necessidade de uso das ferramentas digitais, muitos docentes ainda se dizem relutantes em acreditar na contribuição destas para o aprendizado. Acredita-se que o uso de plataformas e de aplicativos tenha se tornado frequente no ano de 2020 como forma de entregar as atividades aos alunos. No entanto, sabe-se que utilizar a tecnologia a favor da educação vai além disso e que, quando integrada às atividades escolares de forma efetiva, formam um canal, auxiliando não só na compreensão do conteúdo ministrado, como também agregando possibilidades de ampliar o senso crítico e a criatividade do educando.

A internet e todas as suas facilidades são parte do dia a dia dos alunos, que a utilizam espontaneamente em seus celulares, tablets e notebooks. Trazer tal estrutura virtual para as aulas de Língua Portuguesa é estabelecer um vínculo com o estudante e oportunizar a ele momentos de prazer, aliados à troca de conhecimentos. Percebeu-se nesta pesquisa que 80% dos professores de Língua Portuguesa do 9º ano ainda não acreditam na eficácia do uso de tais recursos tecnológicos como contribuição no aprendizado. Desta forma, entende-se que, se não creem na eficácia, tampouco permitem que os alunos tenham acesso aos meios tecnológicos durante as aulas, muito embora tenham se permitido usá-las durante cerca de um ano inteiro por conta do afastamento dos bancos escolares de forma presencial. Outrossim, revendo as respostas da pesquisa, percebe-se também que 20% dos mesmos entrevistados informaram que suas metodologias de aula não tiveram alteração no período de distanciamento social, ou seja, não houve sequer adaptação para o ensino remoto.

Os resultados deste estudo apontam que, apostar no conhecimento dos profissionais da educação em relação aos meios digitais se faz necessário de forma

urgente. Enquanto o uso de ferramentas digitais nas salas de aula é visto como primordial, cabe também aos gestores - sejam públicos ou privados - criar oportunidades de estreitar as relações de aprendizado e acolhimento aos docentes que ainda não se familiarizaram com as plataformas e demais recursos virtuais.

Assim, sentindo-se mais acolhido e próximo, o profissional tende a colaborar mais e desenvolver seu trabalho com maior qualidade e eficácia. Pondera-se ainda que tais ações direcionadas pelos gestores para seus educadores são viáveis e acessíveis, uma vez que existem, atualmente, uma grande oferta de cursos de inserção e letramento digital.

Compreende-se a importância deste estudo que apontou as percepções iniciais em relação à necessidade de inclusão dos meios digitais nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano. Para tanto, se faz evidente e urgente a inclusão de políticas públicas nacionais direcionadas ao aparelhamento das escolas em se tratando de tecnologias digitais. As escolas públicas precisam de estrutura física, ambientes digitais e dispositivos com conexão à internet em velocidade e quantidade adequada para atender os professores e os alunos. Entende-se que não basta apenas exigir adequação tecnológica por parte dos educadores, exigindo destes a capacidade técnica para elevar suas aulas ao nível digital se, nem estes, nem seus alunos e tampouco as escolas têm condições estruturais para tal. A partir deste estudo se faz necessário uma continuidade, com novas e contínuas pesquisas onde possam ser abordadas, de maneira mais aprofundada, fatores e reações dos profissionais da educação, bem como dos estudantes e dos gestores em relação ao tema, viabilizando ações direcionadas e eficazes, que possam ser aplicadas tanto nas escolas públicas como também nas instituições privadas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (ABED). **Educação Básica: Atividades Remotas 2020 [recurso eletrônico]**. São Paulo: Associação Brasileira de Educação à Distância (ABED), 2020

- ARANHA, Simone Dália de Gusmão. Letramento Digital e formação docente: a incorporação de tecnologias em práticas de leitura e de escrita. In: XAVIER, M.M. (org). **Nos caminhos da Linguística Aplicada ao Ensino de Português: reflexões necessárias**. Campina Grande: Realize, 2011
- ARANHA, Simone Dália de Gusmão; SOUZA, Fábio Marques de. (orgs). **Práticas de ensino e tecnologias digitais**. Campina Grande: Eduepb, 2018
- ARAÚJO, Antônio Carlos de. **Os guias curriculares da década de 70: análise do discurso pedagógico**. São Paulo-SP: Universidade Federal de São Carlos. Tese de Doutorado, 2002
- BARCELOS, Valdo. **Uma educação nos trópicos: contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2013
- BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998
- CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELLI, Lilian Ghiuro (orgs.). **A pesquisa e o ensino em Língua Portuguesa sob diferentes olhares**. São Paulo: Blucher, 2012
- COSTA e SILVA, Gildemarks. **Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (online). Brasília, v.94, n. 238,p.839-857, set/dez, 2013.
- CHAGAS, M.A. **O uso de uma comunidade virtual para aprendizagem de língua inglesa através da interação e colaboração. IV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”** N. 02. Laranjeiras-SE, 2010. p.1-16.
- DIAS, Anderlyane de Oliveira; DIAS, Francisca Auderlâncias de Oliveira; FERREIRA, Heraldo Simões. **A tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa**. Revista Expressão Católica. v.6, n.1. Jan - Jun; 2017; ISSN: 2357-8483
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- KENSKI, Moreira Vani. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Editora Papirus, 2012
- PEREIRA, Yara Goes Monteiro Alexandre. **Dos PCN - Língua Portuguesa à sala de aula: trajetória discursiva**. Tese de doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista, 2005
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas de Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, C. da S. **A utilização da internet em sala de aula na escola Carlos Hugueney**. Disponível em: . Acesso em: 28 de abril de 2021.

SILVA, S. P.; PESSANHA, A. P. B. **A produção textual e as novas tecnologias: o uso de blogs para a escrita colaborativa**. Revista Escrita, v. 15, n. 15, 2012. Disponível em: . Acesso em: 02/05/2021

OLIVEIRA, C.; MOURA, S. P. **TIC'S na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno**. Disponível em: . Acesso em: 27/04/2021

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário

Pesquisa sobre a atuação do professor de Língua Portuguesa do 9º ano

Esta pesquisa está sendo desenvolvida para uso exclusivo do trabalho de conclusão de curso de Letras

E-mail*

Sexo*

- Feminino
- Masculino
- Outro

Idade*

- 18 a 25 anos
- 26 a 35 anos
- 36 a 45 anos
- Mais de 45 anos

Formação acadêmica*

- Ensino Médio
- Ensino Superior Incompleto - Letras
- Ensino Superior incompleto - Outro curso
- Ensino Superior Completo - Letras
- Ensino Superior Completo - Outro curso

Tempo de atuação em sala de aula*

- Menos de 1 ano
- De 1 a 5 anos
- De 6 a 10 anos
- Mais de 10 anos

Tempo de atuação como professor de Língua Portuguesa*

- Menos de 1 ano
- De 1 a 5 anos
- De 6 a 10 anos
- Mais de 10 anos

Tempo de atuação como professor de Língua Portuguesa do 9º ano*

- Menos de 1 ano
- De 1 a 5 anos
- De 6 a 10 anos
- Mais de 10 anos

Com o 9º ano você atua em*

- Escola Municipal
- Escola Estadual
- Escola Particular

O uso de ferramentas digitais em sala de aula é

- Dispensável
- Relevante

Indispensável

Nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano, na sua opinião, quais recursos não podem faltar?

Você costumava utilizar ferramentas digitais nas suas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano antes da Pandemia de Covid-19?

- Não
 às vezes
 Raramente
 Frequentemente

Se você utilizava, descreva abaixo quais delas

Você permitia o uso de celulares pelos alunos nas suas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano antes da Pandemia de Covid-19?

- Não
 Somente em alguns momentos
 Sempre, para uso pessoal deles
 Sempre, para uso pessoal e para o desenvolvimento de propostas pedagógicas

De que forma se deram as suas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano durante o ano de 2020?

- Totalmente online assíncronas
 Totalmente online síncronas
 Apenas com envio de material impresso
 Híbrido (online e presencial)
 Presencial

Houve mudanças na forma de você ministrar as suas aulas neste período em comparação com o período anterior à Pandemia de Covid-19?

- Não
 Sim

Se sim, quais?

Durante o ano de 2020, quais principais recursos digitais você utilizou em suas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano?

Você precisou aprender algum recurso digital para ministrar suas aulas? Quais?

Em relação ao aprendizado dos alunos antes da Pandemia de Covid-19, como você avalia?

O uso de recursos tecnológicos nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano auxilia no aprendizado?

- Não
- às vezes
- Sim

A Base Nacional Comum Curricular prevê propostas envolvendo uso de tecnologias digitais para os alunos do 9º ano. Antes da pandemia de Covid-19 você seguia o documento norteador neste quesito para desenvolver suas propostas de Língua Portuguesa?

- Não
- às vezes
- Sim

Na sua opinião, quais foram as maiores dificuldades dos alunos em relação ao aprendizado da Língua Portuguesa do 9º ano durante o ano de 2020?

E para os professores, quais foram as maiores dificuldades?

Na sua opinião, houve contribuições no aprendizado dos alunos durante o ano de 2020 com o uso de recursos digitais? Quais?
